

# MILHARES DE PEQUENAS SANIDADES

A AVENTURA MORAL  
*do* LIBERALISMO

ADAM GOPNIK



ALTA/CULT  
EDITORIA

Rio de Janeiro, 2022



## Milhares de Pequenas Sanidades

Copyright © 2022 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.

ISBN: 978-85-508-1452-0

*Translated from original A Thousand Small Sanities: The moral adventure of liberalism. Copyright © 2019 by Adam Gopnik. ISBN 978-1-5416-9936-6. This translation is published and sold by permission of Basic Books, an imprint of Perseus Books, LLC, a subsidiary of Hachette BookGroup, Inc., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2022 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2022 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G659m	Gopnik, Adam
Milhares de Pequenas Sanidades: a aventura moral do liberalismo / Adam Gopnik ; traduzido por Jana Araujo. – Rio de Janeiro : Alta Books, 2022.	
256 p. : 16m x 23cm.	
ISBN: 978-85-508-1452-0	
1. Ciências sociais. 2. Liberalismo. I. Araujo, Jana. II. Título.	
2022-328	CDD 300 CDU 3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300
2. Ciências sociais 3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Eratas e arquivos de apoio:** No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.

### Produção Editorial

Editora Alta Books

### Diretor Editorial

Anderson Vieira

[anderson.vieira@altabooks.com.br](mailto:anderson.vieira@altabooks.com.br)

### Editor

José Rugeri

[acquisition@altabooks.com.br](mailto:acquisition@altabooks.com.br)

### Gerência Comercial

Claudio Lima

[comercial@altabooks.com.br](mailto:comercial@altabooks.com.br)

### Gerência Marketing

Andrea Guatiello

[marketing@altabooks.com.br](mailto:marketing@altabooks.com.br)

### Coordenação Comercial

Thiago Biaggi

### Coordenação de Eventos

Viviane Paiva

[eventos@altabooks.com.br](mailto:eventos@altabooks.com.br)

### Coordenação ADM/Finc.

Solange Souza

### Direitos Autorais

Raquel Porto

[rights@altabooks.com.br](mailto:rights@altabooks.com.br)

### Assistente Editorial

Mariana Portugal

### Produtores Editoriais

Illysbelle Trajano

Larissa Lima

Maria de Lourdes Borges

Paulo Gomes

Thales Silva

Thiê Alves

### Equipe Comercial

Adriana Baricelli

Daiana Costa

Fillipe Amorim

Kaique Luiz

Maira Conceição

Victor Hugo Morais

### Equipe de Design

João Lins

Marcelli Ferreira

### Equipe Editorial

Beatriz de Assis

Brenda Rodrigues

Caroline David

Gabriela Paiva

Henrique Waldez

### Marketing Editorial

Jessica Nogueira

Livia Carvalho

Marcelo Santos

Thiago Brito

### Atuaram na edição desta obra:

#### Tradução

Jana Araujo

#### Diagramação

Luisa Maria Gomes

#### Copidesque

Samantha Batista

#### Capa

Marcelli Ferreira

#### Revisão Gramatical

Hellen Suzuki

Thais Pol

Editora  
afiliada a:



ASSOCIADO



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

## UMA LONGA CAMINHADA COM UMA FILHA INTELIGENTE

**N**A NOITE das eleições norte-americanas de novembro de 2016, minha filha de 17 anos, Olivia, politicamente consciente e inteligentemente cética em relação a todas as devoções progressistas, em especial a de seu pai, ficou tão chocada e preocupada com o resultado que a abracei e, juntos, saímos para uma longa caminhada nas primeiras horas da manhã em nosso bairro de Nova York. Tentei transmitir a ela uma atitude esperançosa em um momento alarmante. Expliquei-lhe por que os valores liberais e humanistas com os quais fora criada não eram apenas um legado de atitudes e assunção de posturas de uma família, mas sim ideais confiáveis pela experiência e comprovados pela história. Assegurei-lhe que o fluxo da democracia vinha da base para cima e, enquanto houvesse espaço de ação comum disponível, nenhum líder ruim poderia afetá-la. Mostrei-lhe como conectar as ideias remotas, áridas e aparentemente estéreis que ela aprendia nas aulas de história com a crise que enfrentávamos agora e como algumas dessas ideias poderiam até nos mostrar uma saída. Ela voltou para casa com a postura mais ereta e suas esperanças um pouco mais vivas.

Bom, é evidente que não. Como todos os pais em todas as ocasiões assim, gaguejei, procurei palavras e não as encontrei, mas acabamos envoltos em um abraço. (Sou um homem baixo e ela já está da minha altura.) Minhas palavras reais foram, é claro, muito menos confiantes, claras ou ambiciosas — mesmo um ensaísta de meia-idade com gosto por epigramas não conseguiu evocar um tipo de sutileza aforística, não em uma noite de tamanha discórdia. Ela precisava — nós precisávamos — simplesmente nos conectar. (Observei que ela se sentiu melhor quando, inevitavelmente, voltou para o celular e suas explosões de mensagens angustiadas em suas conversas envolventes e intermináveis com seus amigos.)

Ela não estava chocada com a ascensão de um partido da oposição ao poder — caso estivesse, eu não teria sido particularmente compreensivo, já que a alternância de partidos no poder em uma democracia é tão natural quanto a chuva. Não, ela estava chocada com a aparição repentina em sua vida do espectro de um autoritarismo imbecil (e, não por acaso, predatório), ameaçando subitamente aniquilar o sistema de valores que ela fora educada para respeitar. Não era porque o lado dela tinha perdido. Foi a primeira vez na vida dela — e na minha — que as regras do jogo democrático pareciam estar sob ataque.

Desde então, enquanto minha filha concluía o ensino médio, as coisas só se tornaram mais assustadoras e a tradição liberal corre ainda mais perigo. Não é apenas uma questão de sobrevivência da “democracia” — afinal, o Irã e a Rússia são ambos ostensivamente democráticos. É a prática da democracia *liberal*, esse casamento mágico de indivíduos livres e leis justas — da busca da felicidade, cada um de sua própria alegria, com a prática da justiça desinteressada, todos tratados da mesma forma.

Para todo lugar que olhamos, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, o patriotismo está sendo substituído pelo nacio-

nalismo; o pluralismo, pelo tribalismo; a justiça impessoal, pelo capricho tirânico dos autocratas que pensam apenas em punir seus inimigos e recompensar seus assassinos de aluguel. Muitos deles conquistaram o poder por meios democráticos, mas o mantiveram por meios iliberais. A morte da democracia liberal é anunciada agora com a mesma certeza de que seu triunfo foi proclamado apenas vinte anos antes. Se, nos Estados Unidos, o pesadelo autoritário até hoje acabou mais parecido com o filme *Os Bons Companheiros* do que *1984* — como o belo filme *A Morte de Stalin* nos mostrou, o sistema de *Os Bons Companheiros* no poder era *exatamente* como seria o tipo mais cruel de autoritarismo.

No entanto, onde eu poderia encontrar para ela uma defesa contemporânea real e não escusatória do liberalismo? O que é o liberalismo, afinal? Nos Estados Unidos, significa vagamente a política de centro do Partido Democrata. Para os nostálgicos, significa Barack Obama. Para os depressivos nostálgicos, pode significar Michael Dukakis. (Para os depressivos nostálgicos desesperados, pode significar Michael Dukakis em um tanque.) Embora no Canadá os liberais, sem medo de serem chamados assim, frequentemente estejam no poder, na Grã-Bretanha, o temperamento liberal foi muito desviado para a ala da direita do Partido Trabalhista e a ala da esquerda do Partido Conservador. Na França, o que chamam de liberalismo é, na verdade, mais parecido com o que chamamos de libertarismo, enquanto a mesma tradição que produz nosso liberalismo lá é mais frequentemente chamada republicanismo (que, é claro, não tem nada a ver com o que chamamos de republicanismo).

Bem, as palavras mudam de significado o tempo todo, ao longo do tempo e do espaço. Mas, seja qual for o significado de liberalismo, ninguém gosta. Nas polêmicas de direita, os liberais são confundidos com os verdadeiros radicais de esquerda (que,

de fato, odeiam os liberais tanto quanto a direita, ainda que a direita frequentemente não compreenda isso). E, assim, um monstro imaginário inexistente, o liberal de esquerda, é inventado. (É quase certo que, sempre que nos depararmos com essa criatura, o liberal de esquerda, todo o argumento sério desaparecerá em seu rastro.) Entre a verdadeira esquerda, o liberal se torna ainda outro monstro imaginário, o temido neoliberal. Ao emprestar uma concepção do grande poema de Lewis Carroll, “A Caça ao Snark” (em que existem dois monstros, um ruim e outro pior, sendo perseguidos por um estranho grupo de caça ao estilo de Carroll), o liberal de esquerda criado pelas polêmicas da direita é um Snark, uma criatura hedionda; então, o neoliberal da imaginação da esquerda é na verdade um Boojum — uma criatura tão horrível que dificilmente pode ser vislumbrada ou identificada.

Historicamente, e ainda hoje, tanto a extrema esquerda quanto a extrema direita odeiam os liberais ainda mais do que o extremo oposto, com quem compartilham — mesmo que não o reconheçam — o denominador comum do absolutismo. Os católicos dogmáticos conseguem se identificar mais prontamente com os comunistas dogmáticos do que com pessoas dispostas a fazer concessões. Os absolutismos concorrentes têm mais respeito um pelo outro do que por aqueles que são alérgicos aos absolutistas como um princípio absoluto.

Os liberais, na insistente imaginação de seus inimigos, não estão apenas errados, mas são medrosos, covardes. Eles buscam soluções centristas para problemas que exigem medidas radicais, defendem um status quo indefensável — seja ele imaginado, como a interferência estatal, ou a loucura do livre mercado —, não têm axiomas fixos para argumentar e geralmente desmoronam, esfregando as mãos com preocupação impotente, quando o problema começa. Não há ateus quando um avião cai, nem liberais em bri-

gas de bares, e o que temos hoje, insiste o teimoso desprezível, é uma longa e permanente briga de bar na qual não se pode confiar em um liberal sequer para ajudá-lo a derrubar o vilão, independentemente de quem ele seja. Os liberais são elitistas desconectados, ao mesmo tempo moralistas e hedonistas. No meio da briga, o liberal está escrevendo uma postagem sobre garrafas biodegradáveis ou, mais provavelmente, tentando iniciar uma degustação de bourbons artesanais.

Ainda que você escolha um histórico político padrão, obterá uma visão mais complicada, mas, a seu modo, igualmente pouco inspiradora da tradição liberal. Ela tenderá a enfatizar os filósofos políticos europeus dos séculos XVII e XVIII, Montesquieu e Locke e, às vezes, Hobbes. Tenderá bastante a ideias liberais contratuais, processuais e utilitárias e oferecerá normas sociais específicas, como regras de um jogo de tabuleiro — ou tentará calcular como o máximo de satisfação pode ser oferecido ao máximo de pessoas. Essa história-padrão proporcionará uma visão do liberalismo que, de certa maneira, é pulverizada e tende a honrar os indivíduos acima das comunidades e sociedades. Você lerá sobre o quanto o liberalismo se fundamenta em uma noção moderna, materialista e, de fato, capitalista de empreendimento individual, de um indivíduo espiritualmente isolado que é muito distanciado da comunidade e da tradição. Robinson Crusoe é muitas vezes considerado o homem liberal original. Sozinho em uma ilha, escrevendo sobre sua experiência, planejando seu futuro — e, talvez não acidentalmente, contando com um guia e criado nativo para seu bem-estar.

Nada nessas descrições é totalmente falso. Mas não creio que isso nos dê uma imagem contemporânea completa ou sequer remota da tradição liberal, ou do que o liberalismo significa para nós, ou do que ele pode se tornar. Existe uma ideia distinta de uma tradição liberal que podemos usar e entender. Ela está real-

mente muito alinhada com a maneira como usamos o termo em nosso discurso comum — para nos referir a pessoas e partidos com igual compromisso com a reforma e a liberdade, que desejam maior igualdade entre homens e mulheres e também uma tolerância cada vez maior à diferença entre eles.

Como ensaísta, escrevi inúmeros — alguns diriam intermináveis — ensaios sobre pensadores e criadores liberais e vivi de maneira imaginativa entre filósofos liberais, políticos, ativistas e até santos, em vez de restrito apenas às ideias liberais. Minha ideia de liberalismo, embora tenha muito a ver com os indivíduos e suas liberdades, tem ainda mais a ver com casais e comunidades. Não podemos ter uma ideia da liberdade individual sem uma ideia de valores compartilhados que a incluam.

Uma visão do liberalismo que não se concentra muito estritamente nos indivíduos e em seus contratos, mas nos relacionamentos amorosos e nos valores vivos, pode nos fornecer uma noção mais clara da evolução do pensamento liberal do que o retrato ortodoxo é capaz de oferecer. Como demonstrou uma nova geração de acadêmicos, é um mito pensar que o liberalismo é obcecado pelo individualismo, que o liberalismo não tem uma rica imaginação de destinos comuns e valores compartilhados. Adam Smith, embora hoje tenha sido apropriado por *think tanks* e até engravatados de direita — Milton Friedman sempre usava gravata —, pensava em termos de cidades e de como elas compartilham suas opiniões antes de pensar em indivíduos e em como eles precificam bens.

Voltaire, o grande filósofo francês do século XVIII, sábio do Iluminismo, cujo sorriso tenso e complacente é um símbolo da razão, é um exemplo bem duvidoso de um defensor da democracia liberal em nosso sentido — mas permanece sendo um tipo de apóstolo, por ter arriscado sua vida e seu bem-estar por uma série



de reformas humanitárias, protestando particularmente contra o hábito real de despir os homens e arrancar-lhes membro por membro ou quebrar seus ossos em público, um de cada vez, com uma marreta. Onde quer que haja um movimento por reformas humanas, sempre há um liberal por perto. Muitos dos grandes movimentos de reforma humanitária — a cruzada antiescravagista, por exemplo — também surgiram no seio das igrejas. Mas, em todos os casos, houve outros devotos argumentando com a mesma força pela visão oposta. O fato de muito mais ministros cristãos argumentarem *a favor* da escravidão do que contra ela enfurecia o grande Frederick Douglass, um autêntico cristão. A diferença era que, do lado certo, o lado de Douglass, geralmente havia um ou dois políticos liberais à espreita. (Historicamente, a mistura da devoção cristã e do princípio liberal pode ser muito poderosa, como nenhum grupo deve esquecer, embora ambos o façam.)



Imagens elucidam ideias, e retratos das pessoas geralmente são mais elucidativos do que suas declarações de princípio. Quando penso na tradição liberal que queria mostrar à minha filha, minha visão interna sempre retornava a uma cena simples, que me encantou por um longo tempo. É a do filósofo do século XIX John Stuart Mill e sua amada, colaboradora e (como ele sempre insistia) professora mais importante, a escritora Harriet Taylor. Loucamente apaixonados, eles se amavam em segredo e se encontravam às escondidas na jaula do rinoceronte no zoológico de Londres. “Nosso velho amigo Rino”, Taylor o chamou em um bilhete. Era um lugar onde podiam se encontrar e conversar com segurança, sem medo de serem vistos por muitas pessoas, já que a atenção de todos estaria voltada para o enorme animal exótico.

Eles sofriam, vivendo na incerteza e contemplando o adultério, se é que não o tinham cometido — as opiniões variam; eles haviam visitado Paris juntos —, e já durante essas conversas começaram a escrever *Sobre a Liberdade*, um dos maiores livros de teoria política já escritos, e *A Sujeição das Mulheres*, um dos primeiros grandes manifestos feministas e um dos livros mais explosivos já escritos. (Um dos mais bem-sucedidos também, na medida em que quase todos os seus sonhos pela igualdade feminina foram alcançados, pelo menos em termos legais, em nosso tempo.)

Ao longo de sua vida, Mill declarou, enfática, clara e inequivocamente, que Taylor era a pessoa mais inteligente que ele já conhecera e a maior influência para o seu trabalho. Ele a elogiou em termos tão superlativos que despertaram a suspeita de seus leitores: “No âmbito da mais alta especulação, assim como nas menores preocupações práticas da vida cotidiana, sua mente era o mesmo instrumento perfeito, penetrante no coração e na medula da matéria; sempre aproveitando a ideia ou o princípio essencial.” E assim, depois de sua morte, gerações de comentaristas — incluindo Friedrich Hayek, que infelizmente editou as cartas trocadas pelo casal — a atacaram de forma agressiva, insistindo que o pobre Mill, muito inteligente em tudo, menos nisso, estava tão cego e apaixonado que exagerou demais o papel da mulher, que obviamente não poderia ter sido tão significativo quanto o dele. Felizmente, as novas gerações de estudiosos, menos cegas pelo preconceito, começaram a “resgatar” Harriet Taylor, e seu papel na criação do liberalismo moderno parece tão grande e sua mente, tão afiada quanto o marido sempre afirmou que eram.

Eles formavam uma complicada quadrilha de lagostas no amor. Quando se conheceram, em um jantar em Finsbury, em 1830, Mill, apesar de toda a aparência vitoriana severa e carrancuda que vemos em suas fotografias, estava pronto para a paixão.

Quando menino, ele fora criado por seu pai, o grande filósofo utilitarista James Mill, para pensar a vida em termos de contabilidade, com esforços saindo e utilidades, ou prazeres, entrando. Mas, depois de um terrível colapso nervoso quando jovem, Mill recorreu decisivamente às artes liberais em busca de significado. Mozart sabia coisas que seu pai não sabia. Ele pegou emprestado o termo *autodesenvolvimento*, do filósofo alemão romântico Wilhelm von Humboldt, e passou a considerá-lo não um prazer utilitarista, mas um objetivo da vida.

Taylor, um ano mais nova que Mill, era casada com um farmacêutico bronco e bem-intencionado chamado John Taylor; eles tinham dois filhos. Ela era inteligente e bonita — “uma cabeça delicada, um pescoço de cisne e uma pele de pérola”, escreveu mais tarde a filha de um convidado do importante jantar —, e já oprimida por seu casamento muito desigual. Ela e Mill logo se apaixonaram e começaram a trabalhar juntos. Um ano depois de seu primeiro encontro, alguém perguntou a ela sobre uma crítica de Byron: “Foi você ou Mill quem escreveu?” O casal logo era visto junto em todos os lugares — uma razão para, novamente, procurarem a jaula do rinoceronte. A esposa de Thomas Carlyle, Jane, comentou que “a Sra. Taylor, apesar de sobrecarregada com marido e filhos, seduzira John Mill com tanto êxito que ele estava desesperadamente apaixonado”. Após anos de intrigas, os Taylor finalmente decidiram se separar. Foi quando Harriet foi a Paris e, para testar o amor de Mill, o convidou para passar seis semanas com ela. O interlúdio foi esplêndido — mas então Harriet, com uma doce altivez, permitiu que o marido fosse a Paris para testá-lo também. Harriet finalmente decidiu — com um misto de decência, incerteza e um certo tom paquerador — que eles poderiam compartilhá-la, em horários alternados, na casa dos Taylor: seu marido entreteria os convidados com ela em certos dias e Mill em

outros. Taylor pagava as contas, enquanto Mill abastecia a adega. (Embora, em suas memórias, Mill tenha negado que tenham feito sexo antes de se casar, suas cartas tórridas sugerem o contrário. “Enquanto você puder me amar como demonstrou tão doce e lindamente ontem, tenho tudo o que possa me interessar ou desejar”, escreveu ele em uma carta. “A influência daquela hora preciosa mantém meu ânimo desde então.”)

Os próprios escritos de Harriet das décadas de 1830 e 1840 sobre a opressão do casamento revelam a urgência de uma experiência imediata. Uma mulher inteligente que foi obrigada a atender aos ideais de outrem do que é ser esposa, sentou-se em muitas mesas de jantar e observou mulheres lidando com seus ditadrezinhos idiotas: “O mais insignificante dos homens, aquele incapaz de obter influência ou consideração em qualquer outro lugar, encontra um lugar onde é o chefe e o líder. Há uma pessoa, muitas vezes superior a ele em entendimento, que é obrigada a consultá-lo e a quem ele não é obrigado a consultar. Ele é juiz, corregedor e governante de todas as questões do casal.” Mill e Taylor, em suas colaborações posteriores — notadamente *A Sujeição das Mulheres*, publicado em 1869, após a morte de Taylor, mas ainda com sua marca —, não se contentavam em mostrar que as mulheres seriam mais felizes se fossem mais livres; eles foram direto ao cerne da questão e perguntaram que motivo temos para pensar que *qualquer* restrição à liberdade das mulheres é justa. Juntos, Mill e Taylor, afirmam repetidamente que ninguém pode saber em que as mulheres são ou não são “naturalmente” boas, uma vez que suas oportunidades foram muito menores quando comparadas ao tamanho de sua opressão. Argumentando contra a noção de que as mulheres não têm talento para as artes plásticas, Mill destaca astutamente que, na arte liberal em que as mulheres *são* encorajadas tanto quanto os homens, as artes cênicas em palco,

todos admitem que elas são tão boas ou ainda melhores. Em uma lista de palavras modernas que mudaram mais vidas, aquelas que Mill e Taylor elaboraram juntos em *A Sujeição das Mulheres* devem estar no topo. Antes, as mulheres eram, para todos os fins, posses; depois do livro, mais cedo ou mais tarde, teriam que ser consideradas cidadãs. Você podia argumentar contra, tentar menosprezar, mas não podia mais ignorar os fatos. O caminho havia sido aberto, e o estranho casal cauteloso junto à jaula do rinoceronte foi seu desbravador.

O idílio intelectual de John e Harriet durou muito na sombra, mas pouco à luz do sol. O Sr. Taylor morreu em 1849 e, em 1851, John e Harriet se casaram. Mas, depois de apenas sete anos e meio, Harriet morreu de uma daquelas doenças tristes e sem nome que assombraram a época. Mill mandou construir um monumento — feito do mesmo mármore de Carrara que *David*, de Michelangelo — para ela em Avignon, com uma inscrição que incluía: “Se houvesse apenas mais alguns corações e intelectos como o dela / esta terra já teria se tornado o paraíso esperado.”

Na época de sua morte, as ideias que John e Harriet começaram a desenvolver naquele banco ao lado da jaula do rinoceronte — sobre igualdade absoluta para as mulheres, sobre liberdade absoluta até para o discurso mais blasfemo — eram consideradas não muito mais do que um insano devaneio. As pessoas que tentam transformar Mill em um centrista cauteloso deturpam seu legado e de Taylor, que era totalmente radical. Taylor e Mill acreditavam na igualdade total entre os sexos antes de todo mundo, da mesma forma que ele acreditava na perversidade moral absoluta da escravidão, enquanto outros na Grã-Bretanha ainda temporizavam. (Como todo mundo, ele fez o possível para que o lado certo da Guerra Civil Norte-americana vencesse, recrutando os trabalhadores de fábrica da Grã-Bretanha para se recusarem

a processar o algodão da Confederação, à custa de seus próprios interesses imediatos.)

Não, a última coisa que esse casal que se encontrava junto à jaula do rinoceronte era no mundo era centrista. Eles eram realistas — radicais da realidade, determinados a viver no mundo, mesmo enquanto lutavam para mudá-lo. Não eram realistas relutantes, mas realistas românticos. Eles se chocaram e encantaram com a rapidez com que mulheres e homens começaram a se reunir e se organizar sobre o tema da emancipação das mulheres, mas aceitaram que o progresso seria lento e incerto e, às vezes, enfrentaria retrocessos. Fizeram mais do que aceitar essa necessidade. Eles se alegravam porque entendiam que, sem um processo de discussão e debate público, de ação social vinda de baixo, a emancipação das mulheres nunca seria totalmente conquistada por elas nem aceita, mesmo que de má vontade, pelos homens.

Eles não tinham ilusões sobre sua própria perfeição — eram pessoas imperfeitas, divididas e continuaram sendo assim pelo resto de suas vidas, com o triste reconhecimento da contradição humana de que sempre são dotadas as pessoas boas. Harriet amava John Mill, mas ficou com seu marido bem-intencionado e indefeso e cuidou dele durante seu terrível câncer terminal, em um tempo em que os impiedosos tratamentos que temos agora sequer existiam. Somente depois de sua morte, John e Harriet se casaram, uma união amorosa, mas muito breve.

A história de amor deles é uma das mais líricas já contadas, por ser tão ternamente irresoluta. Reconhecendo que a vida íntima é uma acomodação de contradições, eles compreenderam que a vida política e social também deve ser. A acomodação era o romance deles. Isso significava que a acomodação social também poderia ser romântica. O amor, como a liberdade, tanto nos puxa em diferentes direções quanto nos direciona. O amor, como a li-

berdade, pede que sejamos apenas nós mesmos, e também que nos enxerguemos nos olhos dos outros. Ceder não é sinal de colapso da consciência moral, é um sinal de força, pois não há nada mais necessário para uma consciência moral do que o reconhecimento de que outras pessoas também a têm. Ceder é um nó bem apertado entre as decências concorrentes. O amor de Harriet Taylor por John Mill foi limitado pelo páthos de John Taylor e seu amor por ela. E, como duas consciências morais não podem ser iguais, elas precisam viver em imperfeita sincronia. Perto o suficiente é bom o bastante — por enquanto.

No mesmo mês da morte de Harriet, em 1858, Mill enviou à editora o manuscrito final de *Sobre a Liberdade*, dedicando-o à memória da “amiga e esposa, cujo senso exaltado de verdade e justiça foi o meu maior incentivo”. O romance na vida de Mill ajudou a transformá-lo de uma máquina pensante em uma pessoa sentimental; o “saber pleno” se tornou “amor pleno”. O grande relacionamento de sua vida seria uma prova de sua confiança de que a verdadeira liberdade significava amor — relacionamento e conexão, não isolamento e egoísmo. Queremos a liberdade pelo poder de nos conectar com os outros como quisermos. O liberalismo é nossa prática comum de conexão transformada em um princípio de pluralismo, mensagens de texto adolescentes elevadas ao poder de lei.

Enquanto pensava no rinoceronte há muito tempo morto em sua jaula há muito tempo consumida, me dei conta de que o rinoceronte era o símbolo perfeito do liberalismo. Darwin nos ensinou que todos os seres vivos são uma espécie de produto de concessões, o melhor que pode ser feito naquele momento entre as demandas do meio ambiente e a herança genética com a qual ele trabalha. Nenhum ser vivo é ideal. Um rinoceronte é apenas um porco grande com um chifre.

O ideal do unicórnio deriva do rinoceronte — a imagem onírica do rinoceronte, o animal com um único chifre relatado e idealizado pelo imaginário medieval. As pessoas imaginam e fantasiam com unicórnios, criam ícones e escrevem fábulas sobre eles. Nós os caçamos. Eles são perfeitos. O único problema deles é que não existem. Nunca existiram. O rinoceronte é desajeitado e feio, de pernas curtas, imperfeito e atarracado. Mas o rinoceronte é real. Ele existe. E é formidável.

A maioria das visões políticas são unicórnios, criaturas imaginárias perfeitas que perseguimos e que nunca encontraremos. O liberalismo é um rinoceronte. É difícil de amar, engraçado de se olhar, não é bonito, mas é um animal totalmente bem-sucedido. Um rinoceronte pode derrubar um SUV — veja no YouTube! — e rolá-lo por aí como se fosse uma bola.



Portanto, as palavras liberais cruciais não são apenas *liberdade* e *democracia* — por mais importantes que sejam —, mas também *humanidade* e *reforma*, *tolerância* e *pluralismo*, *autorrealização* e *autonomia*, o vocabulário da conexão apaixonada e da comunidade escolhida. Estes não são conceitos simples e incontroversos. Mas apontam para uma série de ambições e políticas públicas específicas — a reforma humanitária das prisões, das penas, a promoção do acesso igualitário a alimentos e deixar que a decisão sobre quantos filhos ter seja tomada pela mulher que os tem — que todos almejam com a finalidade de eliminar a crueldade, o sadismo e o sofrimento desnecessário do mundo.

O liberalismo *acaba chegando* no centro, não porque os liberais sempre acham que é onde a sanidade está, mas porque reconhe-



cem que existem tantos “eus” que precisam ser acomodados em uma sociedade que não podemos esperar que eles se reúnam em um único bairro em uma ou outra extremidade da cidade. O ponto de encontro, a *piazza*, em um vilarejo italiano, fica no centro da cidade, porque todos conseguem chegar até lá. Os gregos antigos pensavam nesse local de reunião como a “ágora”, que significava mercado, mas, de forma mais ampla, o local onde os cidadãos se encontravam para reuniões não planejadas. Tiranos de todos os tipos, persas e espartanos, temiam a ágora e tentavam eliminá-la de suas cidades.

Podemos remontar as histórias ortodoxas padrões do liberalismo até o século XVII, e certamente conseguimos perceber seus contornos no Iluminismo do século XVIII. Mas é na década de 1860, precisamente no rastro de John e Harriet, que o liberalismo reconhecidamente moderno, como prática e tendência consumada, é estabelecido. Isso acontece em um período de tempo muito curto, de 1859 a 1872: durante a Guerra Civil Norte-americana até logo após o estabelecimento da Terceira República em Paris. Nesse período, surgiram os dois documentos fundamentais do humanismo liberal moderno: *A Origem das Espécies*, de Darwin, e *Sobre a Liberdade*, de Mill. A obra de Darwin foi uma nova articulação da história da vida e do papel da humanidade dentro dela, implícito, mas óbvio; a de Mill foi a articulação de uma nova compreensão da natureza da autoridade e das reivindicações do indivíduo contra ela.

No fronte político, a longa década do nascimento do liberalismo moderno testemunhou a emancipação da maioria das classes trabalhadoras britânicas, a fundação formal do Partido Liberal Britânico (sediado no London Reform Club), a vitória absoluta do lado antiescravagista (e de nação única) na Guerra Civil Norte-americana e a fundação, após o desastre da Comuna francesa,

da República Francesa na forma em que, com a interrupção da ocupação alemã, persistiu desde então. (E não esqueçamos, em 1867, o estabelecimento da confederação canadense e de uma nação ainda sem precedentes em sua sobrevivência e resistência, bilíngue e binacional.) Todos esses eventos estão interligados: foi a vitória da União que ajudou a estimular a democratização da Grã-Bretanha e a vindicação do republicanismo nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha que desempenharam um papel importante na remoralização dos republicanos franceses. (Foi o mesmo período que também testemunhou o surgimento dos grandes oponentes do liberalismo: o nacionalismo autoritário, com a unificação da Alemanha por Bismarck em 1871, e o socialismo radical, com o primeiro encontro da Associação dos Trabalhadores, sob a influência de Karl Marx, em Londres em 1864.)

O maior monumento ao liberalismo moderno também surgiu precisamente nessa hora, como um presente do republicanismo francês nascente ao republicanismo norte-americano triunfante. Permitimos que a Estátua da Liberdade fosse incluída na narrativa da imigração norte-americana, o que é compreensível considerando que, para muitos milhões de ancestrais norte-americanos, esse item francês tenha sido a primeira coisa norte-americana que viram. Mas ela foi concebida pela primeira vez naquele ano crucial de 1865, como um tributo à luz resplandescente do ideal republicano, em uma época em que isso ainda parecia impossível na França. Era uma figura imaginária dos sonhos que celebrava a reivindicação da liberdade nos Estados Unidos, almejando sua posterior reivindicação na França: você se casou com ela; nós também iremos, um dia. Ela é um símbolo daquela longa e crucial década, na qual a maior parte do liberalismo moderno foi forjada.

As impactantes fotografias da estátua sendo erguida em um pequeno ateliê parisiense nos recordam de sua natureza bina-

cional — e também de sua concepção impossível. Deveria ter sido, como o sonho da própria democracia liberal, deixada na grande lixeira de projetos não realizados, como o Monumento à Terceira Internacional de Tatlin, mais tarde. Não foi. Está lá. Resplandescente. A Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos, naquela curta década, se tornaram, ou estavam a caminho de se tornar, democracias liberais de maneiras que nunca haviam sido antes.

Os sonhos do liberalismo, do republicanismo e de reformas de longo alcance foram realizados de maneira muito imperfeita. O mundo é um lugar imperfeito, e os liberais são atores imperfeitos dentro dele. Mas novas práticas sociais surgiram, como a estátua, contra um pano de fundo em que era bem possível imaginar, em 1859, que *nada* disso poderia acontecer — que o poder escravo venceria nos Estados Unidos, que a reação triunfaria na Grã-Bretanha e que um império ou monarquia era o futuro mais provável para a França. Em vez disso, o resultado foram regimes reformistas liberais, que, apesar de todas as suas falhas e defeitos, sob o comando de William Ewart Gladstone, Ulysses S. Grant e Léon Gambetta, estabeleceram governos que podemos reconhecer como nossos e sociedades que se parecem com as nossas, desde cartões de Natal e lojas de departamentos aos primeiros movimentos sérios dos direitos das mulheres.

O liberalismo que surgiu então não é como as regras no verso de um jogo de tabuleiro. Ele tende a conter ideias implícitas e explícitas sobre comunidade, reforma, violência, papéis sexuais e muito mais. O liberalismo, no sentido específico que eu queria explicar à minha filha, é uma tentativa de *concretizar* a liberdade, não apenas de invocá-la ou torná-la algo mágico.

Para os liberais, o uso da palavra *liberdade* deve ser como a palavra amor é usada pelos compositores — é aquilo a que a música

nos leva, mas não tudo o que ela pode ser. Simplesmente ser a favor da liberdade é como ser a favor do amor — todo mundo é, e nada é resolvido assim, como John e Harriet eram sábios o suficiente para saber. São as outras palavras ao seu redor que tornam a palavra-chave importante. Tony Bennett disse uma vez que sempre devemos prestar muita atenção quando Frank Sinatra canta a palavra *amor*. Mas isso porque amor não é a única palavra que ele canta.



Essa é a essência do que eu queria lhe dizer, Olivia. Que a busca por mudanças radicais por meio de medidas humanas — longe de produzir uma doutrina severa, fragmentadora e sem emoções, na qual todas as relações sociais são reduzidas ao status de um contrato — faz do liberalismo um dos grandes avanços morais da história humana. Longe de ser estupidamente materialista, meramente bruto e com fins lucrativos, a ascensão e o triunfo das ideias liberais é o episódio espiritual mais singular de toda a história da humanidade. Havia pouco na história humana antes — os antigos imaginavam um mundo sem divindade, mas nada como o escopo moral da emancipação da crueldade de escravos e mulheres.

O liberalismo é uma filosofia de “prioridade ao fato” com uma história de “prioridade aos sentimentos”. O humanismo liberal é um todo, no qual o humanismo sempre precede o liberalismo. Novos sentimentos poderosos sobre uma conexão compassiva com outras pessoas, sobre a comunidade, sempre foram compartilhados informalmente antes de serem cristalizados na lei. Os contatos sociais precedem o contrato social. Compreender os fundamentos emocionais do liberalismo é essencial para compreender seu pro-

jeto político. Sua história é meramente material, da mesma maneira que a ação de grandes romances. Uma pessoa que é um modelo liberal é menos solitária, um Robinson Crusóé obcecado por manter relatos e muito mais próxima de Elizabeth Bennet em *Orgulho e Preconceito*, vivendo todos os dias dentro de uma estrutura familiar inescapável e de um terreno social específico, mas tentando negociar um novo papel para si mesma por meio da inteligência, da argumentação e da sagacidade. Lizzy Bennet reconhece que a base do acordo social não será completamente refeita por um único casamento, mas ela está disposta a enfrentar Lady Catherine de Bourgh e toda a ordem aristocrática em defesa de sua própria busca pela felicidade. O liberalismo é realista sobre a enorme tarefa de refazer mundos. Mas é romântico quanto à possibilidade de criar finais marginalmente mais felizes para o maior número possível de pessoas.

Oferecer um credo liberal, no entanto, também significa oferecer um relato tão justo e eloquente quanto possível dos *ataques* ao liberalismo, tanto da esquerda quanto da direita. Porque a liberdade de *debate*, mais do que a liberdade de expressão, é central para o ideal liberal, um credo liberal sem contra-argumentos se torna apenas mais um dogma. E Deus sabe que não há escassez de ataques para servirem de inspiração. Você, Olivia, declarou seu credo naquela noite e, ao longo do ano seguinte, um conjunto de objeções após o outro, que atingiu o ouvido interno da minha imaginação. Claro que você é liberal, você me disse! Sim, da mesma maneira que um mineiro é a favor do carvão e o Príncipe de Gales é um monarquista. Você se beneficia de suas instituições e, portanto, pensa que elas são o máximo. Não é por acaso que os maiores defensores da manipulação da ordem existente são homens brancos de meia-idade que se beneficiaram da forma como ela é manipulada. Mostre-me um homem ou mulher negros, ou

uma criança latina, que não seja muito desconfiado e hostil à ordem mundial liberal (ou neoliberal) e ficarei impressionado. As pessoas sempre encontram maneiras elaboradas de defender seus próprios privilégios. Todo mundo vê o que gosta no regime que herdou e se apega a esse pretenso princípio. O colonialismo era a face do liberalismo na África, e os golpes da CIA eram a face do liberalismo na América do Sul. O racismo institucionalizado e o escândalo do encarceramento em massa são outra face da ordem liberal, o macacão laranja sob a pele bem tratada.

Não vale a pena defender um liberalismo que não oferece esperança aos camponeses equatorianos, aos trabalhadores haitianos e às crianças congolezas presas em minas de cobalto tanto quanto para as famílias progressistas de Manhattan; é apenas outro mero cartaz de papel pregado na frente da loja da família. Esses argumentos, clamando por empatia humana, ressoam em nossas vidas oriundos de todos os que testemunharam o sofrimento dos outros, ou que testemunharam sendo eles mesmos sofredores, de Frederick Douglass a Alexander Berkman. Enquanto isso, conheci bem, ao longo de uma vida de leituras, os argumentos da direita — pela autoridade contra o relativismo liberal e pela integridade das comunidades contra o cosmopolitismo liberal —, mais frequentemente encontrados em autores que eu amava como irmãos ou tios — às vezes tios loucos —, de Samuel Johnson a G. K. Chesterton.

O liberalismo é uma tradição tão distinta quanto a existente na história política, mas padece por ser uma prática antes de ser uma ideologia, um caráter, um tom e uma maneira de lidar com o mundo que vai além de um conjunto fixo de crenças. (Pelo menos isso significa que poetas, romancistas e pintores, como Trollope, George Eliot ou Manet, podem ser melhores guias para suas verdades do que filósofos ou especialistas políticos.) Também apresenta

um paradoxo: supostamente a mais impessoal das ideologias, o liberalismo depende mais do exemplo pessoal. Liberais criaram o liberalismo. Um credo liberal sem personagens e ação não é apenas difícil de amar, é também impossível de *ver*. Eu queria que você observasse como as pessoas viviam tanto quanto ouvisse os princípios que expressavam. Queria que conhecesse Taylor e Mill junto à jaula do rinoceronte. Queria que conhecesse outros amantes liberais não ortodoxos, George Eliot e George Lewes, enquanto, na mesma Londres, e às vezes no mesmo zoológico, mais tarde tentavam reconciliar o darwinismo com o humanismo. Queria que você visse a mãe de André Glucksmann salvando a vida de sua família, ousando contar a verdade aos outros deportados judeus em Drancy, em 1941, liberando seu filho em uma jornada, como intelectual parisiense, do maoísmo assassino ao humanismo modesto. Queria que você conhecesse Bayard Rustin, o grande homem negro e gay que organizou a marcha em Washington em 1963 e que, no final de sua longa vida, resumiu seu credo com elegância nos três passos de dança mais simples e distintamente liberais: “1) táticas não violentas; 2) meios constitucionais; 3) procedimentos democráticos.” E eu queria que você também conhecesse as personalidades contrapostas. Queria que aprendesse com a paixão de Emma Goldman e entendesse o ponto de vista de Edmund Burke.

Ao fazer do liberalismo uma tese de pessoas e lugares, tanto quanto de princípios, talvez eu possa ajudar a humanizá-lo novamente para uma nova geração. Talvez eu possa fazer com que aqueles que se beneficiaram de suas graças odeiem seus vícios (que são grandes) um pouco menos e vejam suas virtudes (ainda maiores) apenas um pouco mais nitidamente. Posso até mostrar por que a felicidade do mundo depende — não, somos liberais e só podemos dizer *pode* depender — de sua renovação. Ainda acho que vale a pena sair para uma caminhada e conversar.